



museu da imigração
do estado de são paulo

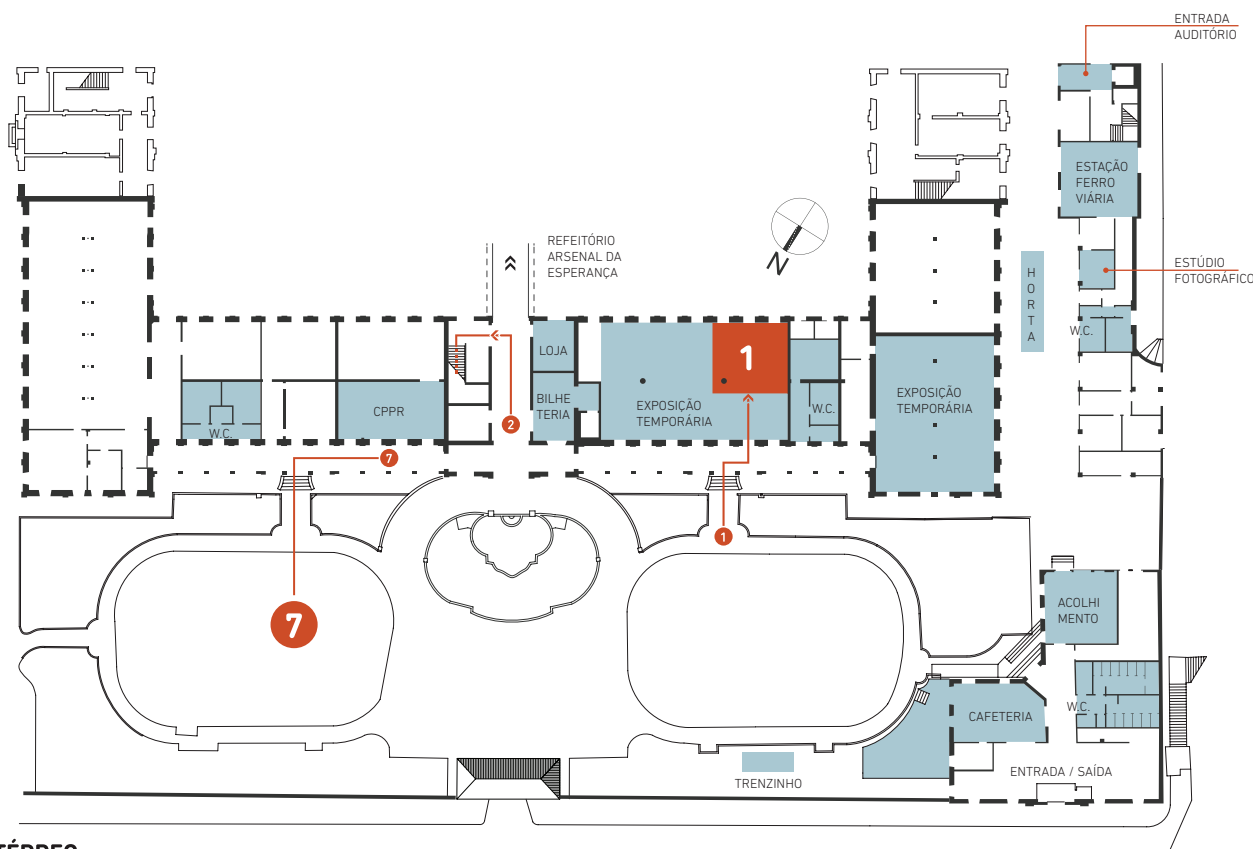
Este material apresenta múltiplas possibilidades de investigação que partem de um mesmo lugar: o edifício construído para abrigar as atividades da Hospedaria de Imigrantes do Brás e onde hoje funciona o Museu da Imigração. O Núcleo Educativo convida você a escolher um ou mais roteiros para conhecer o museu de forma mais aprofundada e coleccionar sugestões de visita que passam por diversos pontos, dentro e fora deste edifício, com o objetivo de promover debates, aguçar curiosidades, cruzar pontos de vista complementares ou - por que não - conflitantes e, principalmente, sugerir que você construa o seu próprio olhar sobre este local de maneira autônoma e crítica. As referências utilizadas podem ser consultadas na Biblioteca do Centro de Preservação, Pesquisa e Referência (CPPR) do museu.
Boa visita!

Roteiros Educativos

Roteiro Trabalho

O roteiro trata a temática do trabalho por meio dos significados simbólicos e identitários ligados ao cotidiano e às condições de vida dos trabalhadores em seus diversos aspectos. Tem como base os lugares de memória do trabalho, a migração sob o viés do trabalho e as possíveis narrativas construídas pela cultura material do trabalho.

Da lavoura aos parques industriais, na luta por sobrevivência e por direitos, no exercício de seus ofícios e, ainda, sob diferentes tipos de tratamento (baseados em critérios de origem étnica, de gênero e pela exploração do trabalho infantil), os trabalhadores criam identidades e formas próprias de convívio. É importante refletir sobre a memória do trabalhador e do trabalho para a construção de um modelo democrático de desenvolvimento, principalmente no contexto atual, no qual muitas conquistas estão ameaçadas.



TÉRREO

1 O EDIFÍCIO

Muito se fala sobre quem autorizou, de quem era o terreno, como foi sua aquisição, quanto se gastou na obra e sob qual governo e políticas foi construída a Hospedaria, mas e *quem a construiu?* Quem e quantos foram os trabalhadores que transportaram e cimentaram esses tijolos? E sob quais condições de trabalho? Mestre artífice, servente ou, como os conhecemos hoje, mestre e peão de obras. São os trabalhadores da construção civil. Em sua prática, congregam um conjunto de saberes que eram, e ainda são, transmitidos dentro do canteiro de obras, uma qualificação única adquirida com experiência e que exige muita expertise.

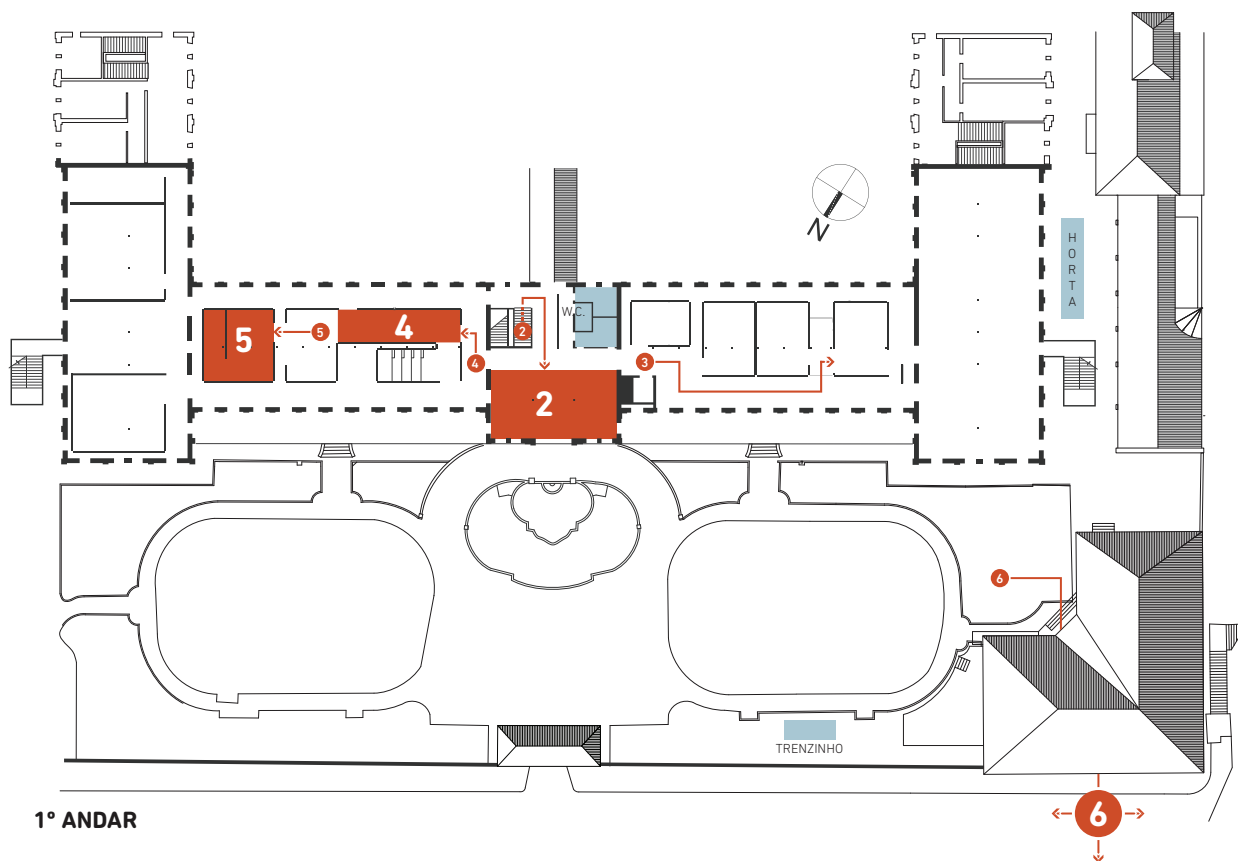
Para ver o próximo item do roteiro, confira a próxima página deste material.

7 JARDIM

No fim deste roteiro, propomos uma reflexão sobre o espaço onde nos encontramos. O museu como um lugar de trabalho agrega uma série de funcionários, cada qual com sua expertise e importância. Durante a sua visita aqui, você reparou em quem trabalha no museu?

2 É ISTO UM HOMEM? - NUNO RAMOS

O tijolo na obra de arte de Nuno Ramos pode evocar muitas reflexões. Entre as leituras possíveis, podemos pensá-lo enquanto objeto de construção fruto de um trabalho. No entanto, esse material se insere em outro contexto de trabalho. A obra foi inspirada no trecho do livro de Primo Levi que possui o mesmo título: *É isto um homem?*. O autor judeu narra sua vida em um campo de extermínio na Alemanha nazista, e entre os modelos de trabalho ali realizados ele descreve: "A Torre do Carburante, que se eleva no meio da fábrica e cujo topo raramente se enxerga na bruma, fomos nós que a construímos.". Na entrada dos campos estava escrito "O trabalho liberta", mas a que tipo de liberdade ele se refere?: "[...] odiamos nela o sonho demente de grandeza de nossos patrões, seu desprezo de Deus e dos homens, de nós homens."



1º ANDAR

3 HOSPEDARIA DO BRÁS

O intenso fluxo migratório ultrapassou suas necessidades iniciais, gerando um excedente de trabalhadores na cidade. Segundo dados do governo, de 1940 a 1950 São Paulo tinha 400 mil migrantes. Mas, na década de 1960 entraram 130 mil migrantes, em média, vindos de outros estados, por ano. Atualmente, 20% da população de São Paulo são migrantes nordestinos. Para saber mais sobre esse assunto, veja o roteiro "[Migração interna](#)".

4 CAMPO E CIDADE (VITRINE)

As ferramentas se encontram divididas em três grandes coleções: trabalho, vida doméstica e lazer. Porém, também podem ser relacionadas de outras formas, como "alimentação", onde as balanças do armazém se misturam às colheres da cozinha; ou "vida rural", onde a enxada usada no campo convive no mesmo espaço que o bule de café. Percebemos pela escolha da curadoria o quanto objetos, profissões e lugares podem estar também ligados a papéis de gênero. Isso é reforçado pelo uso das fotografias, que mostram homens trabalhando no campo ou mulheres servindo as mesas. No entanto, esses objetos, mesmo não tendo gênero, são usados para delimitar papéis sociais e diferentes trabalhos. Mas por que há essa diferença e como essa distinção tem reflexo na hierarquização de posições de trabalho e ainda na questão salarial?

5 SÃO PAULO COSMOPOLITA

Pensar os lugares sob a perspectiva do trabalho é também um esforço de investigação para além da chave dos projetos arquitetônicos e urbanísticos, do patrimônio construído em si, e de seus agentes financiadores. Assim, evocamos nesta sala o conceito de lugares de memória, formulado por Pierre Nora, que contrapõe a glorificação da representação do passado ao considerar as construções da memória como vida que se concretiza nos lugares. Quais seriam as memórias dos trabalhadores por trás dos lugares apresentados nessas fotografias? E como essas memórias estão ligadas ao território no qual o Museu se insere?

6 ALÉM DO MUSEU

Os bairros da zona leste têm seu processo histórico de urbanização e industrialização paralelos, no início do século XX. Dessa forma, são muitos os lugares de memória do trabalhador operário, de vidas pautadas pelo ritmo das fábricas, das lutas e resistências ao processo de alienação do trabalho, dos baixos salários, do trabalho infantil, das condições insalubres. Para a compreensão desse universo recomendamos uma visita pelos lugares de memória operária como o Cotonifício Crespi (atual supermercado Extra), o Clube Atlético Juventus e a Vila Maria Zélia, locais marcados, respectivamente, pela luta em paralisações e trabalho operário, pela sua sociabilidade cotidiana, e sua moradia.

Para ver o próximo item deste roteiro, volte para a página anterior.

Roteiro Migração Interna

Apesar de o nome da Hospedaria de Imigrantes do Brás referir-se aos que vieram de outros países, este espaço recebeu ao longo de seu funcionamento muitos migrantes internos, principalmente da região nordeste e do estado de Minas Gerais, com maior intensidade a partir de 1930. Estima-se um contingente de cerca de 1 milhão e 200 mil entre os anos de 1951 e 1961, além daqueles que vieram antes deste período e da média de atendimento diária de 300 a 400 pessoas nos anos seguintes.

Este roteiro propõe que nos aproximemos desses fluxos migratórios por meio de uma contextualização: os fatores que impulsionaram o deslocamento de tamanho contingente de pessoas para São Paulo e a importância desses grupos para o desenvolvimento deste estado no século XX, além de sua participação na construção cultural e identitária do mesmo. Convidamos você a percorrer os espaços do museu, procurando vestígios dessas comunidades. De que maneira os migrantes internos foram contemplados pelas exposições? Qual imagem de migrante interno o museu construiu?

O roteiro começa no item 1, na próxima página deste material



4 CENTRO DE PRESERVAÇÃO, PESQUISA E REFERÊNCIA (CPPR)

No CPPR é possível aprofundar suas reflexões, realizando pesquisas tanto no acervo de história oral quanto no acervo da biblioteca do Museu. Neste espaço você vai encontrar pessoas que podem te auxiliar nas buscas. Você pode usar algumas dessas palavras-chave para encontrar depoimentos de migrantes internos: migração nordestina, culinária nordestina, trabalho na lavoura, trabalho doméstica, Festa de São João, alfabetização adulta.

5 ALÉM DO MUSEU

"É a preservação, a representação de um povo e de uma região riquíssima."

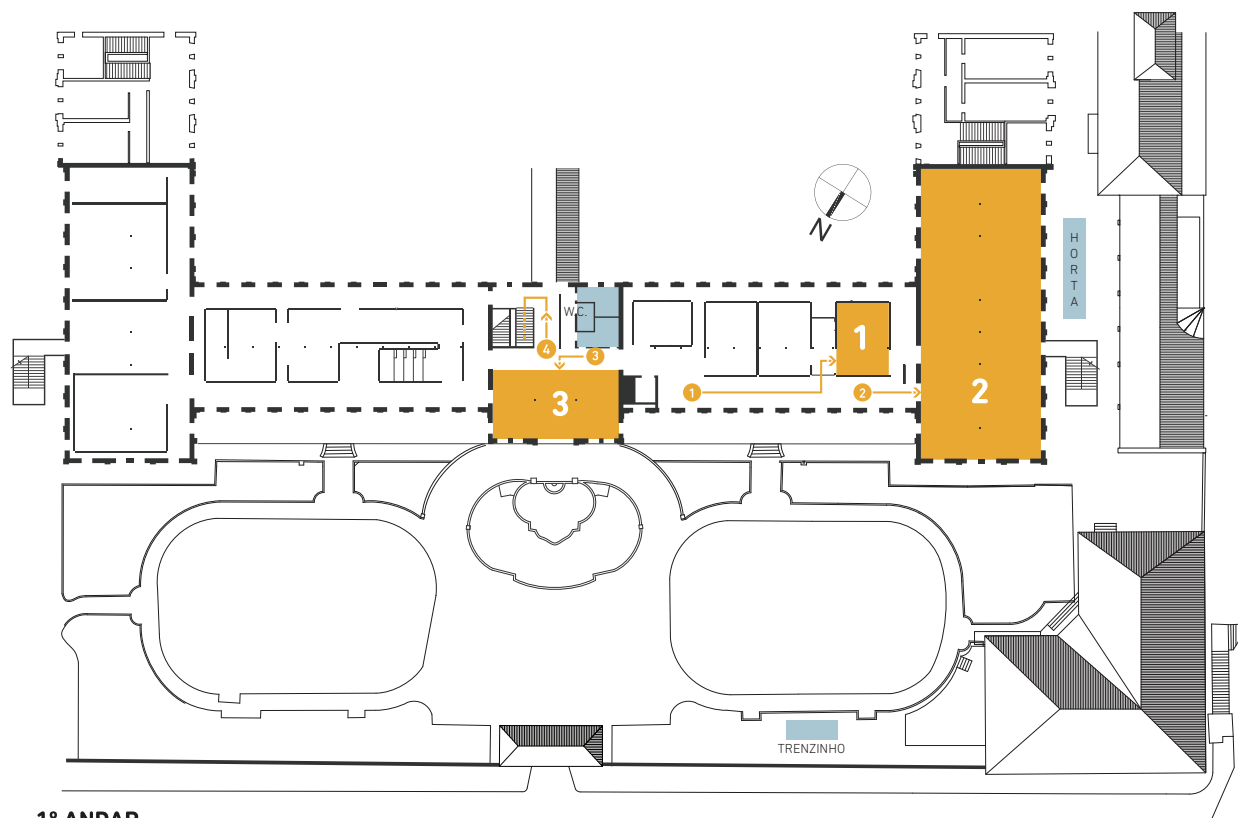
(Leandro Gercino, dono da Casa do Norte Padre Cicero)

As casas do Norte são alguns dos espaços de presença nordestina que estão espalhadas pela cidade. Nelas estão presentes diversos aromas e sabores do nordeste para todos aqueles que sentem saudade da terrinha ou que simpatizam com a cultura e culinária nordestina. Para saber mais sobre as influências culinárias, veja o roteiro "Alimentação". A Casa do Norte Brás-Zão está localizada no bairro do Brás e foi contemplada pela exposição no Módulo "Brás, Mooca, Bom Retiro, Santo Amaro". Você já visitou alguma "casa do Norte" no seu bairro? Outro espaço que você pode conhecer é o Centro de Tradições Nordestinas, criado com o propósito de valorizar a cultura nordestina e construir espaços de convivência dessas comunidades. Quem sabe por essas andanças você também não encontra um "forrózím" para balançar o esqueleto!

1 MIGRAÇÃO NO BRASIL

A história do Brasil é permeada por contextos de migração, muitos deles atrelados aos ciclos econômicos - cana-de-açúcar, minério, borracha, café, indústria - e possui uma forte relação com o trabalho (para saber mais sobre esse assunto, veja o roteiro "[Trabalho](#)"). Milhares de famílias brasileiras foram incentivadas a migrar, muitos inclusive de forma subsidiada, devido à escassez de mão de obra na zona rural de São Paulo. Por isso, a chegada desses trabalhadores foi bem-vinda para os grandes fazendeiros até a década de 1950. Entretanto, a partir da década de 1960, com a modernização do campo, a migração que antes era uma solução passou a ser vista como um "problema". Toda essa população de migrantes, obrigados mais uma vez a se deslocar rumo aos centros urbanos, deparou-se com a intensificação de um paradoxo: na medida em que doaram sua força de trabalho para o crescimento e enriquecimento do estado de São Paulo, foram e são, até hoje, hostilizados e marginalizados, empurrados para regiões periféricas das cidades, transformando bairros inteiros em extensões da Bahia, de Minas Gerais, Ceará, Pernambuco, entres outros.

Olhe ao redor, veja as fotos expostas nesta sala. Quem são essas pessoas? Como podemos identificar sua origem? Como foram tratadas na Hospedaria?



1º ANDAR

2 COTIDIANO

"Museu: Qual era a notícia que chegava de São Paulo?"

Raimundo: Que era... a verdadeira Canaã. Que aqui chegando tudo se tinha e tudo se conquistava. Eram essas notícias que lá chegavam."

"Raimundo: Era o próprio serviço de migração, ou emigração que estimulava a vinda do nordestino para São Paulo, para que viesse para o cultivo, ou melhor, para desenvolver a agricultura, só que para o nordestino cabia, como sempre foi, cabia o pior; ou seja, menos para trabalhar na agricultura e mais para desmatamento das grandes glebas que se destinariam para o cultivo do café."

(Trechos do depoimento de Raimundo da Cunha Leite)

Este roteiro te convida a dedicar um tempo ouvindo relatos de migrantes que passaram pela Hospedaria, em especial sob o tema "Campo". Quantos migrantes internos você ouviu nesta seleção de depoimentos?

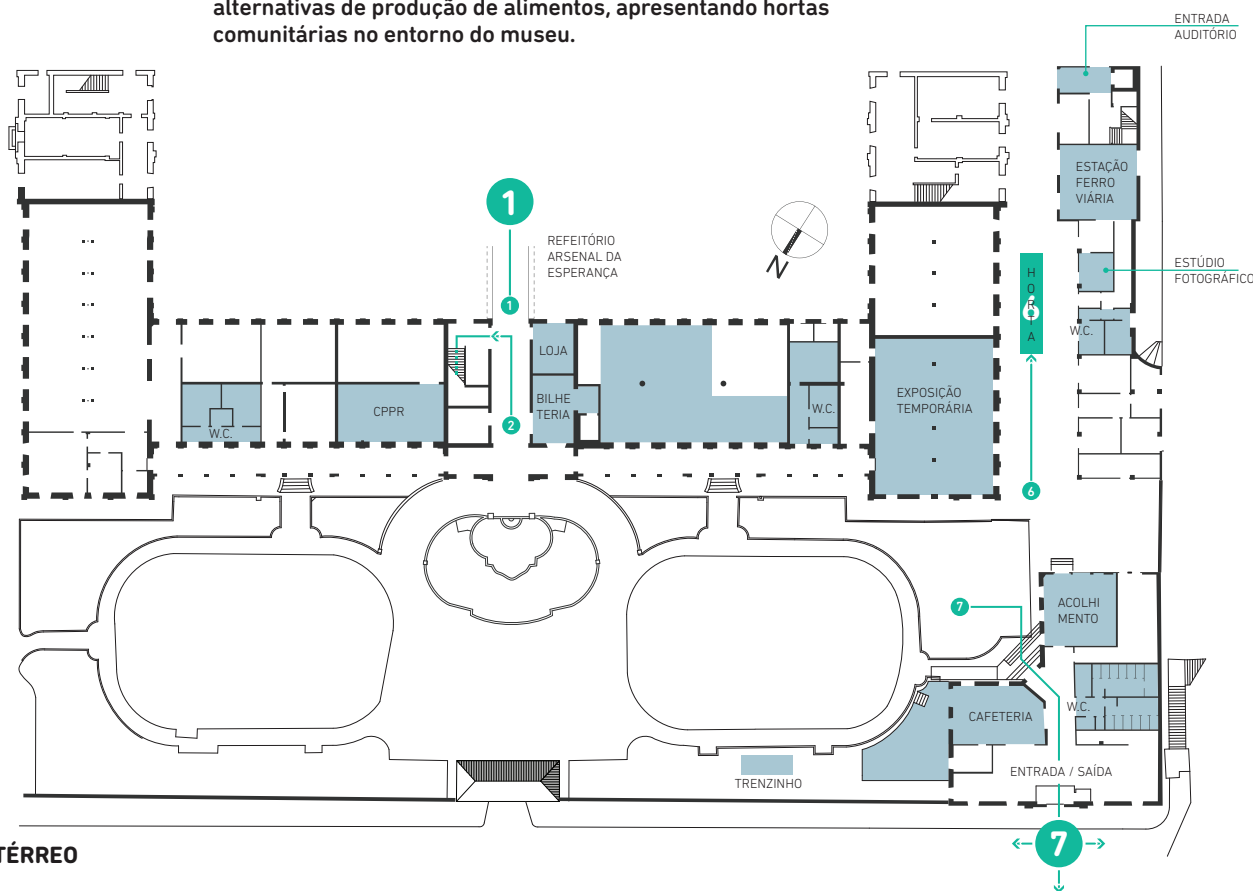
3 É ISTO UM HOMEM? - NUNO RAMOS

O trabalho do artista Nuno Ramos "*É isto um homem?*", 2014 faz parte da exposição de longa duração, e certamente causa curiosidade nos que passam por aqui! Tijolos quebrados, tijolos inteiros e uma grande carroceria sustentando mais peso do que sua capacidade. Sensibilizar-se e abrir-se para pensar na história deste espaço e nos milhares de brasileiros que por aqui estiveram, vindos em longas viagens, muitas vezes amontoados em cima do "pau-de-arara", carregando tudo o que podiam trazer, desde galinha viva a ferramentas para o trabalho na roça. Há muitas narrativas possíveis para esse trabalho; mas esse pode ser um bom começo para construir uma interpretação para esta obra.

Para ver o próximo item deste roteiro, volte para a página anterior.

Roteiro Alimentação

Este roteiro tem como foco o tema da alimentação no Museu da Imigração. Essa é uma das muitas faces que constituem as culturas, revelando interações entre diferentes povos e meios, independentemente de distância, através do uso de ingredientes nativos e exóticos. É possível refletir, a partir dessa perspectiva, sobre o modo de preparo dos alimentos, os conhecimentos e tecnologias relacionados a esse universo, a produção de utensílios e as questões de gênero que permeiam esse tema nos níveis doméstico e profissional. Além dos pontos citados, este roteiro mostrará as influências promovidas por migrantes em nossos hábitos alimentares por meio da introdução de novos legumes, verduras e ervas; a ideia de “resistência cultural” que perpassa o uso da culinária “tradicional”; a dificuldade encontrada pelos migrantes em se adaptarem à dieta brasileira e os produtos disponíveis em mercados, sacolões e feiras. Também abordaremos formas alternativas de produção de alimentos, apresentando hortas comunitárias no entorno do museu.



1 REFETÓRIO

Os migrantes recebiam as refeições em quantidades determinadas pelas faixas etárias: acolhidos de 7 a 12¹ anos recebiam metade da ração² de um adulto; de 3 a 7 anos, 1/4 da ração; de 0 a 3 anos recebiam 500 gramas de leite (para mais reflexões sobre a infância nesse contexto, veja o roteiro “Crianças que migram”). Imagine chegar a um local em que as refeições são completamente diferentes às que você está habituado. Observe através da porta de vidro as atuais instalações do que foi o refectório da Hospedaria, hoje refectório do “Arsenal da Esperança”.

¹ Uma pessoa acima de 12 anos era tida como adulta e apto ao trabalho.

² As rações eram as porções de comida servidas aos migrantes.

Para ver o próximo item do roteiro, confira a próxima página deste material.

6 HORTA

No jardim do museu cultivamos uma horta comunitária com algumas espécies de ervas. Frequentemente realizamos mutirões convidando a comunidade a discutir assuntos pertinentes a ela e participar de seu cultivo e manutenção. Você conhece a Horta das Flores, que fica próxima ao museu? Há uma horta comunitária em seu bairro? Já pensou em participar de alguma?

7 ALÉM DO MUSEU

Devido à necessidade de obter comida em grande quantidade graças ao aumento da população em São Paulo, iniciou-se a comercialização de alimentos em diferentes locais da cidade. Nos bairros vizinhos ao museu é possível encontrar uma variedade de estruturas que comercializam esses produtos como: o Mercado Municipal de São Paulo, a zona cerealista, feiras livres, sacolões e mercados. Qual a diferença na procedência dos alimentos comercializados em cada um desses espaços?

2 COTIDIANO

Observe as projeções referentes ao refeitório e à cozinha da Hospedaria, as colheres e conchas expostas nas vitrines, assim como os farnéis de viagem, que continham o alimento entregue aos migrantes durante a viagem de trem. Ainda neste espaço, assista os depoimentos de pessoas que passaram por esta Hospedaria, nos quais são relatadas suas experiências alimentares. A alimentação fornecida aos migrantes era paga. Sendo assim, é possível refletir: quanto a classe social interfere nos hábitos alimentares de uma pessoa?

3 BOM RETIRO, MOCCA, SANTO AMARO E BRÁS

Esta sala mostra a diversidade cultural presente nos dias atuais nos bairros de São Paulo. Nas várias imagens e vídeos existem manifestações de culinárias tradicionais de diferentes povos. A pizza, por exemplo, tornou-se uma característica paulistana, fruto da adaptação de uma receita italiana. Observe o conteúdo da sala e reflita: qual o papel da gastronomia na resistência de uma cultura?

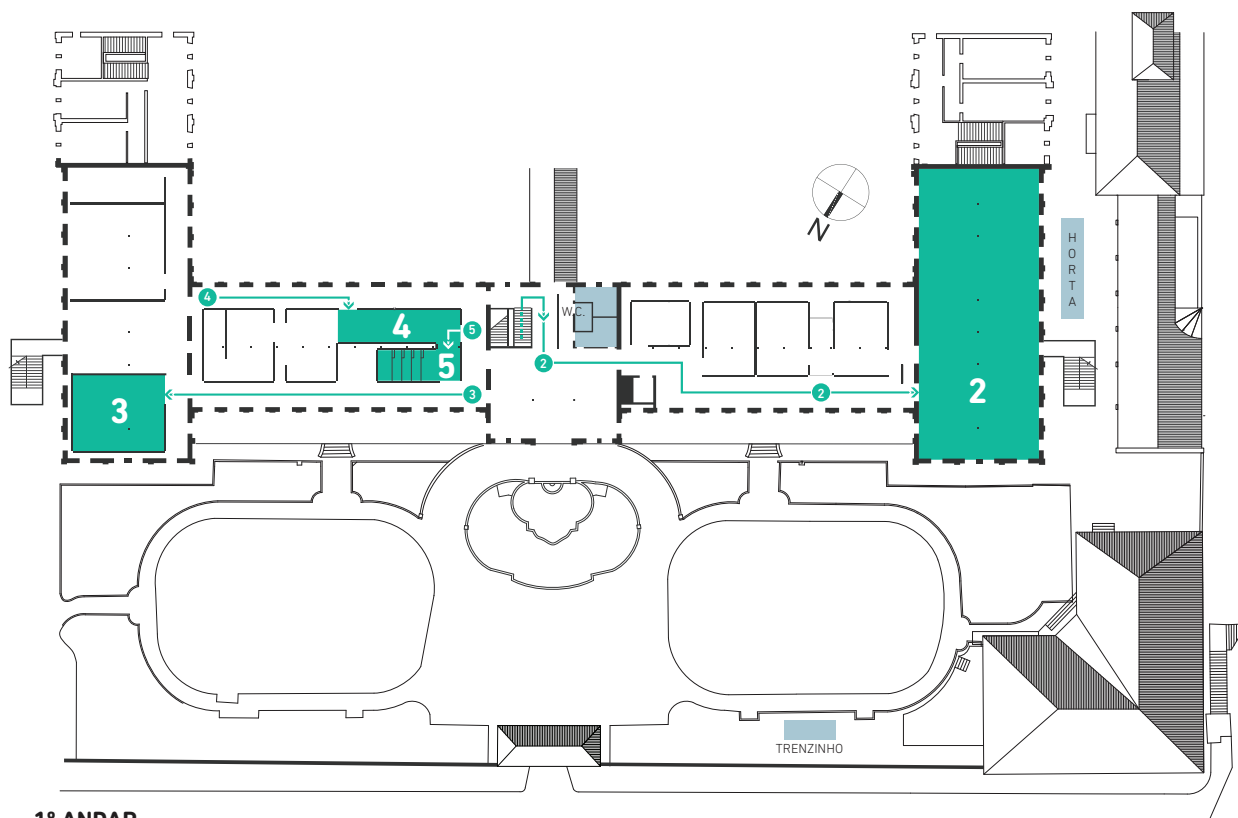
4 CAMPO E CIDADE (VITRINE)

A partir dos objetos relacionados com “Vida doméstica”, pode-se determinar um gênero para cada um deles? No âmbito do senso comum, já ouvimos a frase “*lugar de mulher é na cozinha*”; porém quantas chefs mulheres existem no mercado de trabalho hoje em dia? O que diferencia a vida doméstica do profissionalismo gastronômico? Veja outras reflexões sobre esse tema no roteiro “**Trabalho**”.

5 CAMPO E CIDADE (VÍDEO)

Nesta sala, considere as informações presentes no vídeo que aborda os ingredientes trazidos pelos migrantes: o que são alimentos nativos e exóticos? Qual o peso de cada um deles em nossas refeições diárias? Ver a origem das plantas presentes na horta do museu pode auxiliar nesta reflexão.

Para ver o próximo item deste roteiro, volte para a página anterior.

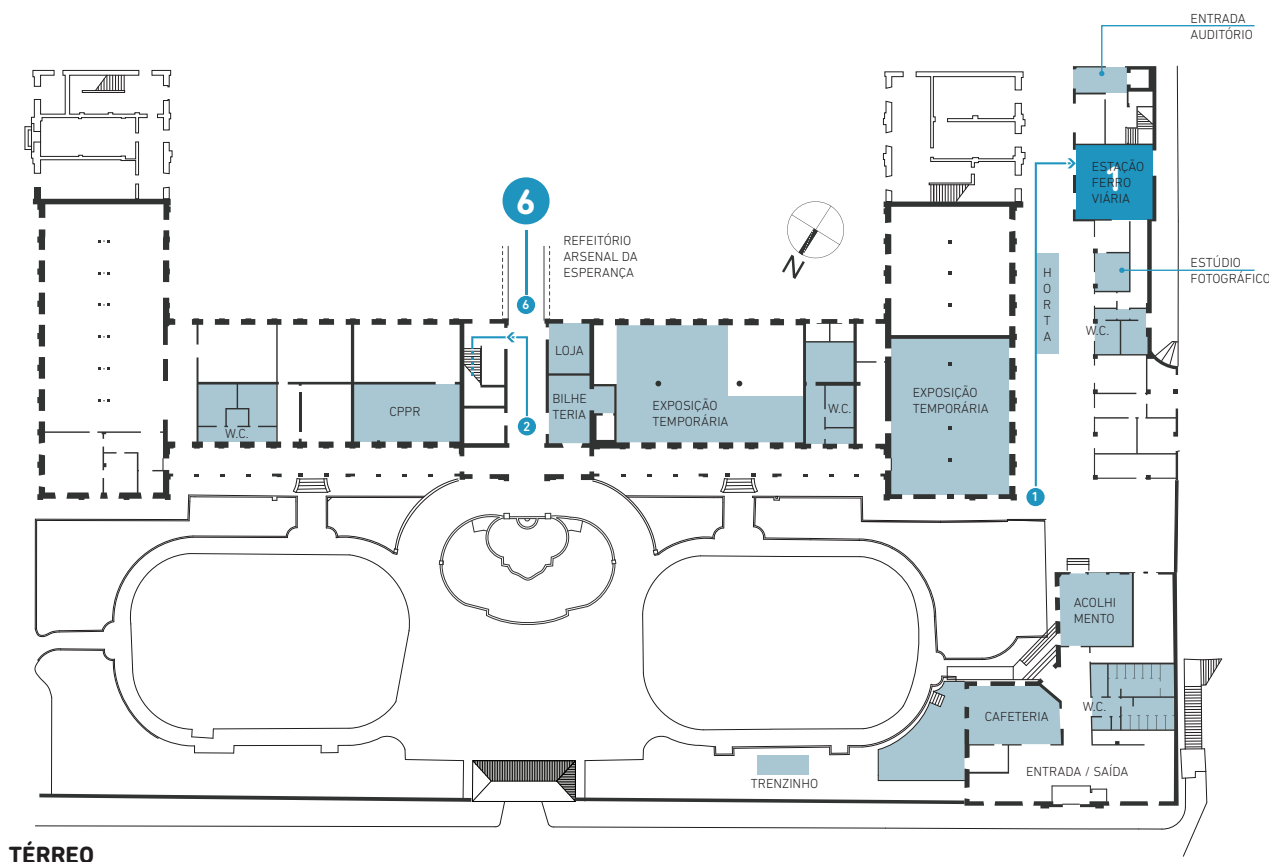


1º ANDAR

Roteira Territórios negros

“Com o fim da escravidão no Brasil, surge a figura do imigrante como substituto de mão de obra nas fazendas de café”.

Esta é uma frase que sempre ouvimos quando se trata desse período, mas que deixa uma série de pontas soltas. Esse roteiro que você tem em mãos aponta para partes da exposição em que aparecem pistas sobre essa memória negra e seus caminhos, seja a partir do ciclo do café ou da contemporaneidade, com os novos fluxos migratórios. Essa memória muitas vezes não é explícita e cabe a você, como visitante, procurar as relações mesmo quando elas se calam, complementando sempre que ouvir a frase acima: “Com o fim da escravidão no Brasil, para onde foram negras e negros?”



TÉRREO

1 ESTAÇÃO FERROVIÁRIA

Aqui era o ponto de chegada de migrantes na hospedaria. Daqui podemos observar também a estação do Brás e um pedaço do centro da cidade, do lado esquerdo da estação. Na época em que esse prédio foi construído, ele não tinha ainda uma ligação direta com a cidade, sendo esta região uma área mais afastada. Observando as fotografias das pessoas desembarcando na estação, você consegue imaginar de quais lugares elas vieram? Conseguimos ver um grupo grande de japoneses, europeus carregando suas malas e uma foto com homens negros carregando diversas coisas, brasileiros vindos do norte e do nordeste. Se a hospedaria estava aberta para migrantes internacionais, por que não vieram também grupos do continente africano, como os que chegam hoje à cidade? Essa e outras perguntas serão trabalhadas ao longo da visita.

Para ver o próximo item do roteiro, confira a próxima página deste material.

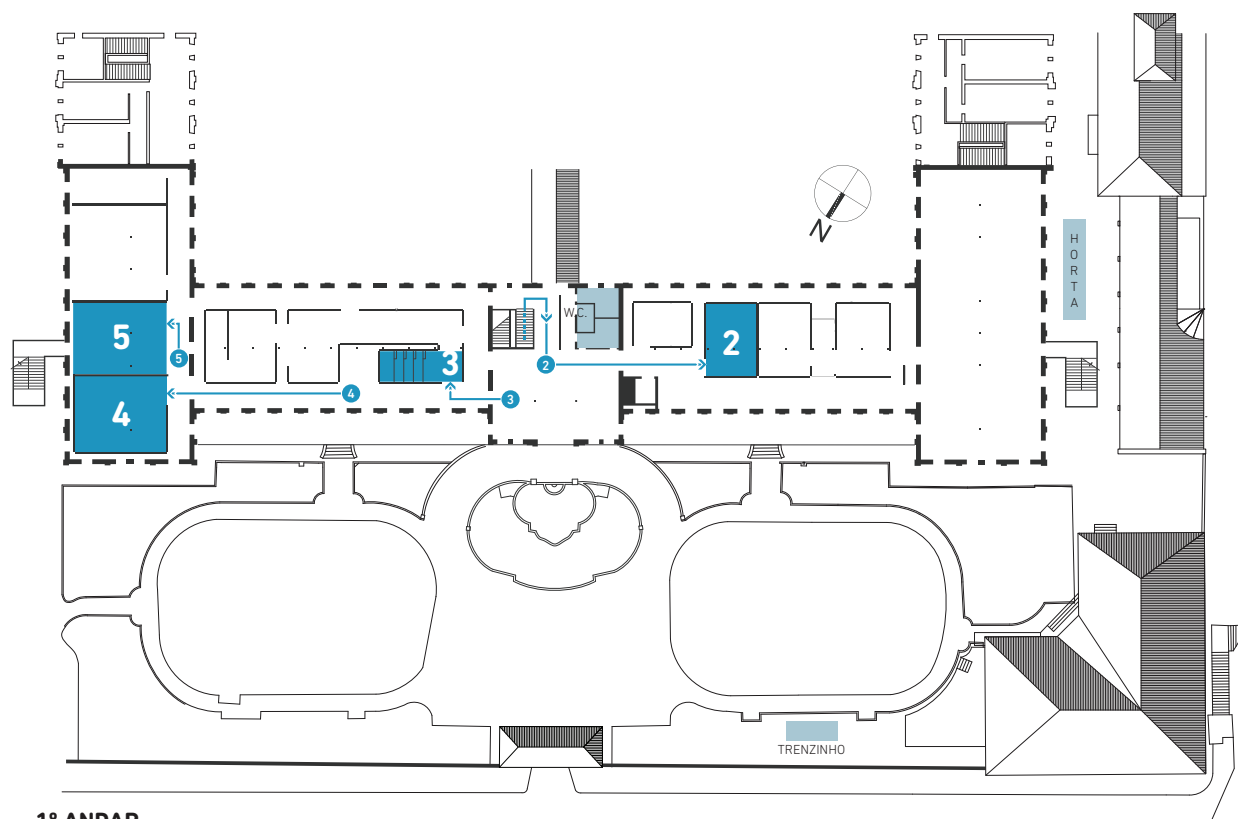
6 ARSENAL DA ESPERANÇA

O espaço da antiga Hospedaria atualmente é dividido em duas instituições diferentes: na parte da frente, o Museu da Imigração, e nos outros 70% do prédio, o Arsenal da Esperança, instituição ligada à igreja católica que acolhe homens em situação de vulnerabilidade social. O último levantamento da Prefeitura de São Paulo, em 2015, aponta que quase 70% das pessoas que estão nas casas de acolhida não são brancas, e sim negras, pardas e indígenas, e para os que ainda estão na rua a porcentagem sobe para quase 72%. Isso nos faz pensar também em como se deram (e ainda se dão) os processos de exclusão e marginalização desses grupos.

Morar na rua é um processo complexo que envolve outros fatores mais subjetivos, como o apoio social e familiar, as relações de trabalho e questões de saúde, mas os dados e nosso roteiro nos ajudam a pensar em como os processos históricos estão também ligados à formação dessa população.

2 MIGRAÇÃO NO BRASIL

Observe os três grupos presentes neste módulo (indígenas, portugueses colonizadores e africanos sequestrados). Esses grupos nos ajudam a entender parte da nossa história, mas não explicam todos os pontos dela; são mitos e narrativas que nos ajudam a construir uma identidade. Pensando no modo como se relacionavam no período colonial e depois dele, você consegue pensar em quais são as relações de poder entre os três grupos?



1º ANDAR

3 CAMPO E CIDADE (VÍDEO)

O vídeo desse módulo faz um resumo da história da criação do estado de São Paulo a partir da sua expansão com as bandeiras e o ciclo do café no oeste paulista. Também fala sobre a substituição de mão de obra escravizada pela assalariada, que passou pela Hospedaria. Apesar de não se focar no período colonial, o vídeo nos dá pistas de que o processo de substituição não foi apenas econômico, mas também um projeto de políticas raciais baseado em modelos científicos da época, conhecido hoje como *política de branqueamento*. O migrante europeu vinha não só em busca de melhores condições de vida, mas também para construir um ideal de Brasil moderno que apagaria seu passado colonial, escravocrata e, conseqüentemente, negro.

4 BOM RETIRO, MOOCA, SANTO AMARO E BRÁS

Aqui nesse módulo podemos ver quatro bairros de São Paulo com uma forte presença migrante - Brás, Bom Retiro, Mooca e Santo Amaro - com suas respectivas contribuições culturais para a cidade. Porém, existem outros bairros que hoje são conhecidos por essa memória mas que tiveram também, no seu processo de criação, uma participação negra significativa, como Bixiga, Penha, Barra Funda e República. Quem caminha pela praça Liberdade, por exemplo, não imagina que esse espaço foi palco de horror e barbárie a céu aberto. Ali localizava-se o Pelourinho e o antigo Largo da Forca, onde escravos e criminosos condenados à pena de morte eram executados. E você, já pensou sobre a história de seu bairro? Quais são as narrativas apagadas e esquecidas pelo discurso oficial?

5 IMIGRAÇÃO HOJE

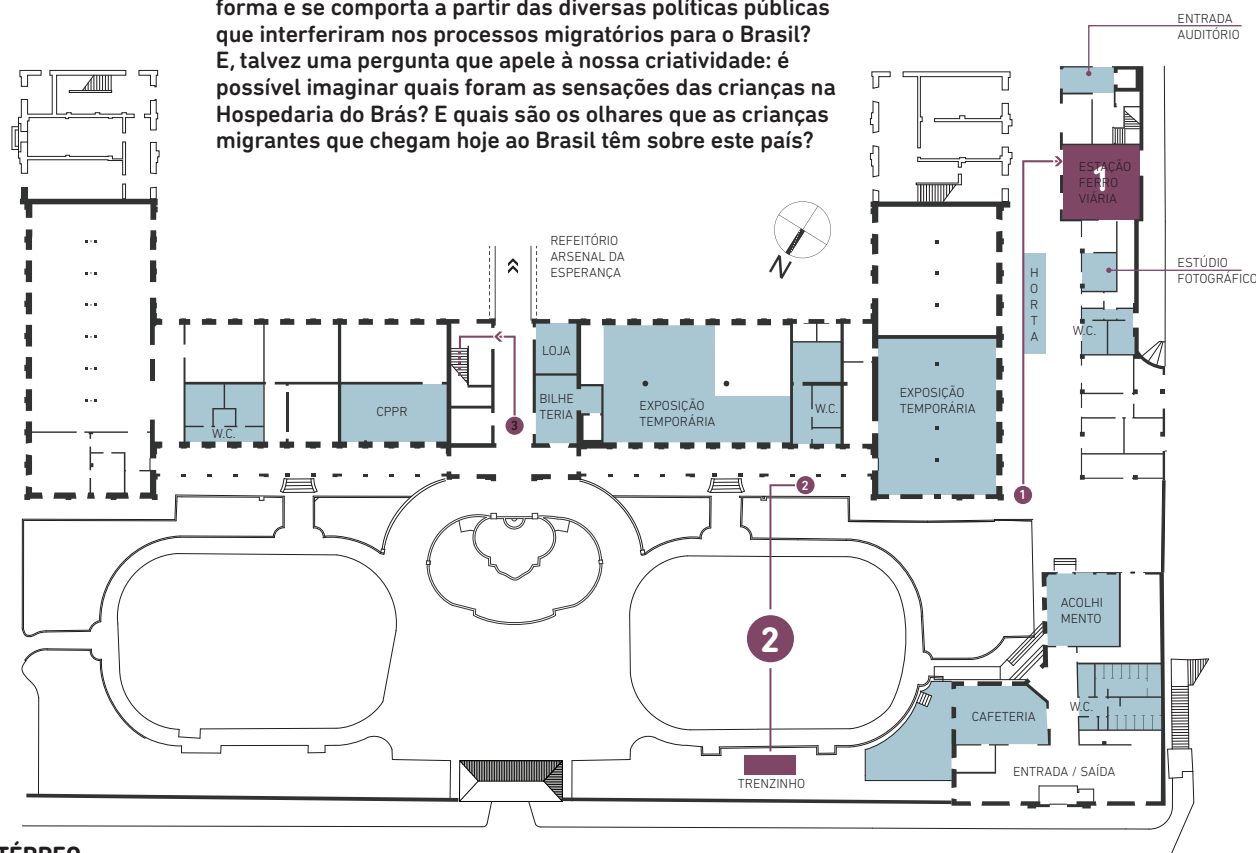
São Paulo só recebeu um fluxo migratório significativo do continente africano a partir da década de 1970, tanto por conta dos movimentos de independência de países como Moçambique, Angola e Congo, como por todo o processo que acompanhamos nesse roteiro. Aqui nesse módulo você encontra dois depoimentos que entram nesse contexto: Antonio Alone Maia, um migrante moçambicano que chega em São Paulo para estudos na década de 80, e Chibuzor Theodore Nwaike, Nigeriano que vem a trabalho na década de 1970. Não por acaso, esses personagens também estão presentes no roteiro "[Trabalho](#)".

Para ver o próximo item deste roteiro, volte para a página anterior.

Roteiro Crianças que migram

Estima-se pelos relatórios anuais da Secretaria dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo que cerca de 30% da população migrante que chegou ao porto de Santos entre 1886 e 1902 era composta por menores de 12 anos. Neste percurso, propõe-se um olhar que considera a experiência das famílias e crianças que aqui foram acolhidas.

Para seguir este roteiro, é interessante pensar quais as particularidades desses pequenos migrantes em comparação à dos adultos que os acompanharam: como se modifica a definição de criança ao longo do tempo e das diferentes culturas, levando em conta que a infância é uma construção social? Que noções de força e fragilidade são atribuídas a esse grupo etário? Que cuidados e funções específicas eram e são direcionados a essa população? Como ela se forma e se comporta a partir das diversas políticas públicas que interferiram nos processos migratórios para o Brasil? E, talvez uma pergunta que apele à nossa criatividade: é possível imaginar quais foram as sensações das crianças na Hospedaria do Brás? E quais são os olhares que as crianças migrantes que chegam hoje ao Brasil têm sobre este país?



1 ESTAÇÃO FERROVIÁRIA

Observando as fotos na sala de acesso à plataforma de trem, é possível imaginar quais foram as primeiras impressões dessas famílias sobre este lugar? Quais foram as suas?

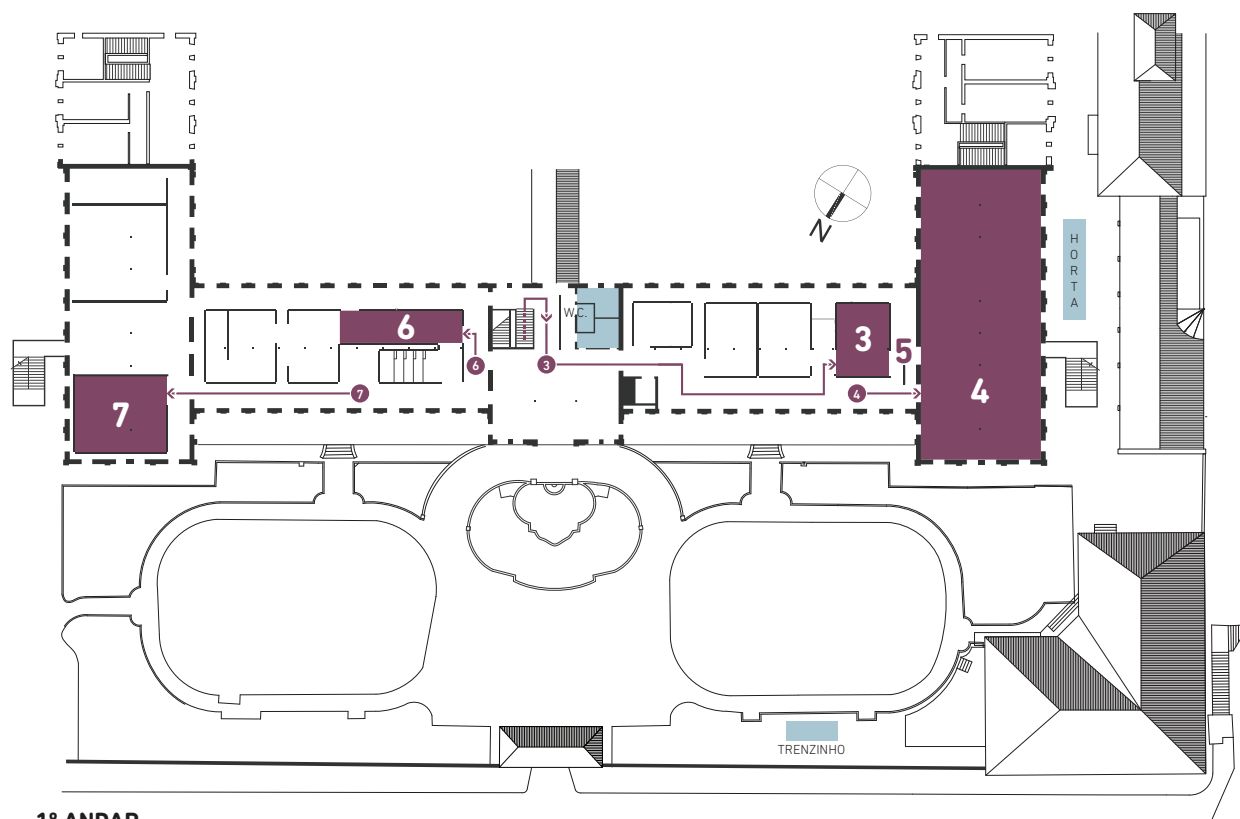
2 TRENZINHO DE MADEIRA E JARDIM

Hoje este trenzinho de madeira é um espaço de brincadeira para crianças que visitam o museu. Do que será que brincavam as crianças migrantes nesse amplo espaço que se tornou um jardim? Bola? Ciranda? Corrida?

Para ver o próximo item do roteiro, confira a próxima página deste material.

3 MIGRAÇÃO NO BRASIL

Segundo registros oficiais da primeira década do século XX, os pequenos eram os mais atingidos pelas mudanças climáticas e por doenças relacionadas ao sistema respiratório e digestivo. Esta sala apresenta alguns serviços que os acolhidos acessavam na Hospedaria, inclusive de saúde e higiene. Será que as crianças passavam pelos mesmos procedimentos que os adultos? Para saber, por exemplo, como eram distribuídos os alimentos das crianças acolhidas, você pode conferir o roteiro "Alimentação".



1º ANDAR

4 COTIDIANO

No livro de matrícula, repare em como eram organizados os registros. A migração subsidiada pelo Estado de São Paulo, ocorrida principalmente até 1908, tinha como característica principal o deslocamento de núcleos familiares e, por isso, nesse período um grande número de famílias com crianças chegou à Hospedaria. Nos depoimentos de História Oral, nas cabines desta sala, ao selecionar os temas Hospedaria e Viagem você pode encontrar relatos de acolhidos que eram crianças quando chegaram ao Brasil.

5 COTIDIANO (ENTRADA)

A fotografia que ocupa esta parede foi tirada durante uma brincadeira no pátio da Hospedaria na década de 30. Será que essas crianças têm a mesma nacionalidade? Crianças de diferentes origens brincavam juntas? No acervo iconográfico do museu, disponível no site, você pode pesquisar a palavra-chave "infância" e encontrar outras imagens que retratam essa população na Hospedaria, inclusive em momentos de brincadeira.

6 CAMPO E CIDADE

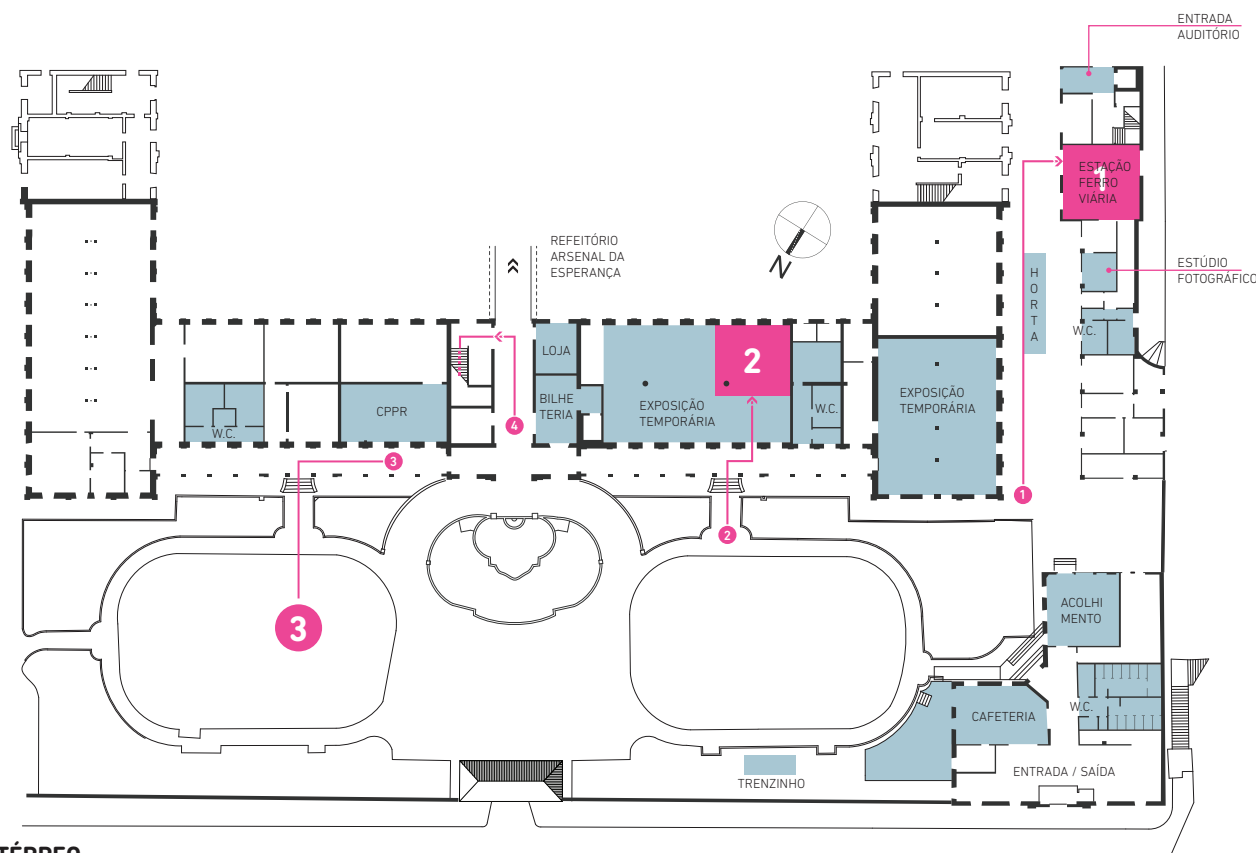
Até as primeiras décadas do século XX, aos 12 anos uma pessoa já poderia trabalhar em uma lavoura como adulta. Esse trabalho era também realizado de forma não oficial por crianças ainda mais novas, o que significa que muitos dos objetos apresentados nesta sala podem ter sido manipulados por mãos infantis e, possivelmente, causados acidentes. Atualmente essas informações nos parecem absurdas, graças a conquistas trabalhistas e de direitos da criança e do adolescente, apesar das violações ainda existentes. Para saber mais sobre esse assunto, veja o roteiro "Trabalho".

7 BOM RETIRO, MOCCA, SANTO AMARO E BRÁS

Nesta sala podemos ver registros contemporâneos de crianças migrantes ou que vivem em comunidades de migrantes. Por quais dificuldades passam essas crianças hoje na adaptação à nova língua e à cidade de São Paulo, em específico aos bairros retratados aqui? Que contribuições elas podem trazer à educação e à cultura em direção à promoção dos direitos humanos? Você sabia que há mais de 8 mil alunos não brasileiros matriculados em escolas públicas da rede de ensino paulista, segundo um levantamento de 2014?

Roteiro Hospedaria do Brás

Talvez você já saiba ou esteja descobrindo agora que este complexo onde hoje funciona o Museu da Imigração foi construído para abrigar as atividades da Hospedaria de Imigrantes do Brás. Além disso, o prédio foi palco de outras ocupações ao longo do seu funcionamento. Muitas histórias também podem ser contadas sobre o cotidiano de trabalho e da vida de tantos migrantes que por aqui passaram. Assim, este roteiro propõe relações entre a exposição *Hospedaria 130*, que reuniu em sua pesquisa diversas narrativas sobre o edifício e as atividades da Hospedaria, e os demais espaços expositivos do Museu da Imigração, em particular a exposição de longa duração *Migrar: experiências, memórias e identidades*.



TÉRREO

1 ESTAÇÃO FERROVIÁRIA

Nesta plataforma eram realizados os desembarques e embarques das pessoas que usufruíram dos serviços da Hospedaria do Brás. Repare nas fotografias exibidas na parede da sala de acesso à plataforma, que registram o momento de chegada e de entrega das bagagens para os procedimentos de higienização. A linha de trem da estação é a antiga São Paulo Railway, também conhecida historicamente como Linha Inglesa, que conectava Santos a Jundiá. Atualmente, há o passeio turístico de Maria Fumaça, que revive parte da memória desse tipo de transporte.

2 EDIFÍCIO

A maquete representa o edifício antes da grande reforma pela qual ele passou nos anos 1930. Note as transformações que o prédio sofreu após a reforma ao receber elementos em sua fachada que não estão presentes na maquete. É possível identificar aqui os espaços que você já visitou, como a estação ferroviária ao lado direito. Você consegue se localizar? Nesta sala funcionava a Sala de Matrícula, formada por longos bancos de madeira onde migrantes esperavam ser chamados para confirmar ou fornecer informações sobre si e sobre sua família aos funcionários da Hospedaria.

3 JARDIM

O tempo médio de permanência na Hospedaria era de sete dias, podendo ser estendido em casos de doenças, por exemplo. A rotina diária de quem estava aqui era marcada por horários rígidos para se levantar ou se alimentar e cumprir obrigações burocráticas, como passar por triagem médica, matricular-se e negociar um posto de trabalho (na Agência Oficial de Colonização e Trabalho, que funcionava no edifício que hoje é a entrada do Museu). Assim, eram longos os momentos de ócio entre uma atividade e outra, passados nos espaços comuns da Hospedaria, como o jardim e as varandas que circundam o prédio principal. Você pode aproveitar que está no jardim e ver os totens com fotografias do edifício, comparando-as com a visão de sua estrutura atual. Além disso, há placas na cor vinho espalhadas pelos edifícios, que apresentam os usos antigos de cada espaço.

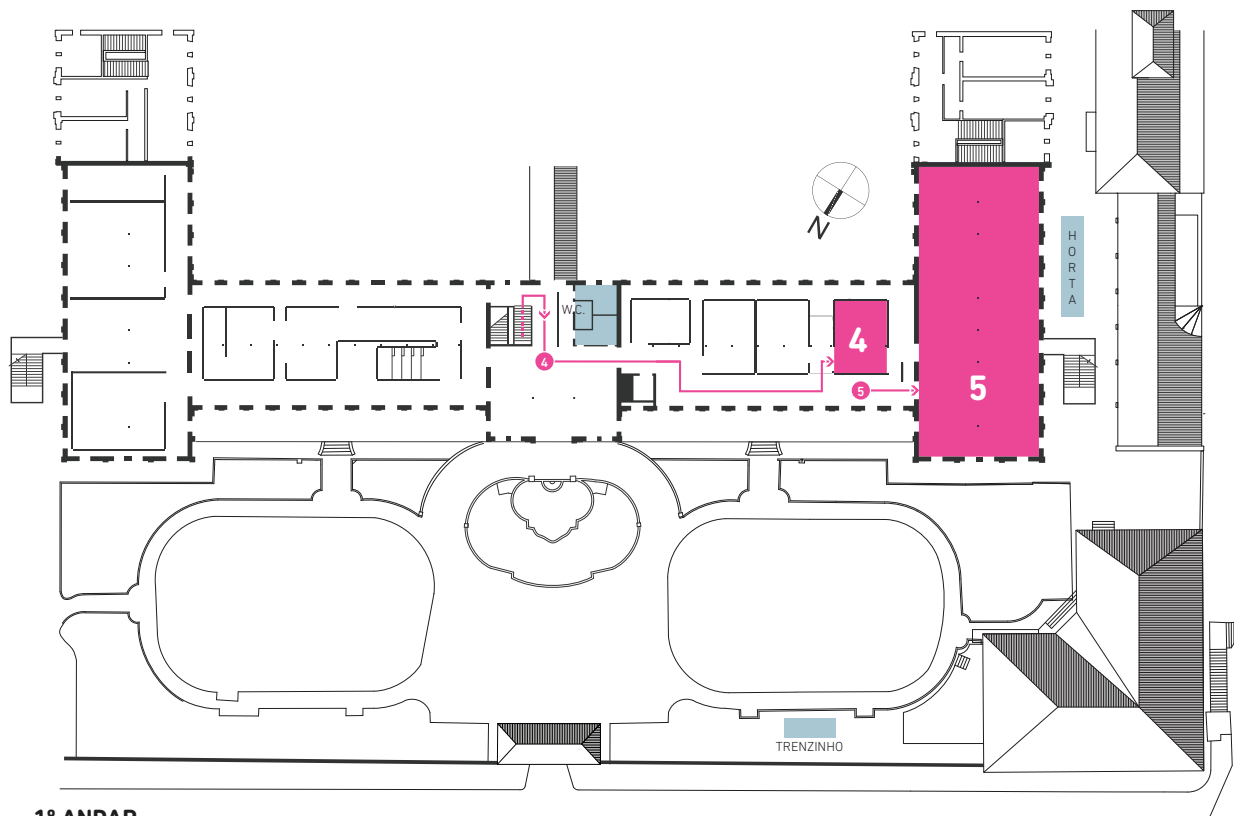
Para ver o próximo item do roteiro, confira a próxima página deste material.

4 HOSPEDARIA DO BRÁS

Lembra-se da sala de matrícula no andar de baixo, onde você viu uma maquete do edifício? Há uma fotografia dela aqui neste módulo, incluindo um grupo de migrantes que aguardava sua vez para ser registrado. Além desta imagem, você encontrará outros registros fotográficos dos serviços oferecidos a migrantes em diferentes momentos do funcionamento da Hospedaria. Você reparou em como as cenas retratadas parecem organizadas e calmas? É possível dizer que tais fotografias registram a realidade desses serviços e da experiência dos migrantes?

5 COTIDIANO

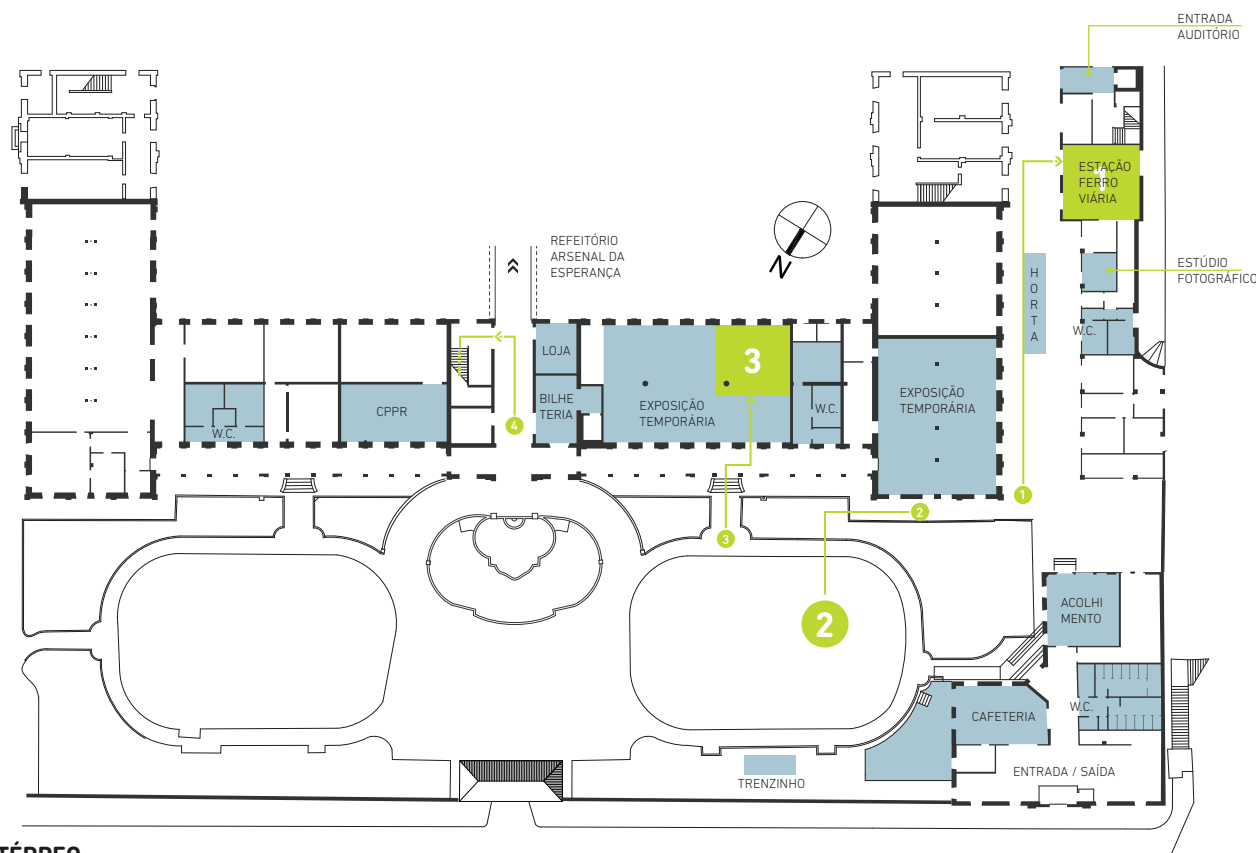
Nas cabines desta sala você pode assistir aos depoimentos de História Oral sobre a Hospedaria, que mostram relatos de funcionários e acolhidos sobre os serviços e os diferentes aspectos do cotidiano do prédio. Nas mesas, você encontrará registros do Refeitório, onde os acolhidos eram alimentados com pão, café, arroz, feijão, carne, macarrão, salame, bacalhau, batata, couve e farinha (para aprofundar neste assunto, veja o roteiro "[Alimentação](#)"). Hoje, este local ainda é utilizado pelo Arsenal da Esperança, instituição social que acolhe cerca de 1200 homens em situação de vulnerabilidade.



1º ANDAR

Roteiro Arquitetura e cidade

O roteiro propõe olhar a cidade de São Paulo a partir da Hospedaria, de seu contexto histórico à imersão cotidiana. Quando pensamos na Hospedaria, necessariamente lembramos de seus usos, das pessoas que chegaram e que trabalharam aqui, e de tantos outros testemunhos que consolidam a forma com a qual ela é imaginada pelos habitantes e visitantes. Mas o que mais a cidade e os arquivos históricos podem nos dizer sobre a Hospedaria? Assim, apresentamos uma reflexão sobre as escolhas arquitetônicas e urbanísticas que levaram à construção da Hospedaria, os documentos e materiais que possibilitam aprofundar as pesquisas sobre os procedimentos e as diversas narrativas possíveis em torno do edifício.



TÉRREO

1 ESTAÇÃO FERROVIÁRIA

Da estação propomos olhar o entorno que nos cerca. As linhas do trem; as casas térreas; a grade que protege, mas segrega; a falta de uma passarela; grandes edifícios residenciais; as fábricas ao fundo que, junto às chaminés, ainda resistem; o viaduto com intenso tráfego. São diversas as camadas do tempo que, a partir desses elementos da paisagem, são testemunhos da forma pela qual a humanidade constrói e reconstrói a história. Assim, por meio deles, é possível também propor outro olhar para os diferentes significados simbólicos atribuídos a esses elementos da paisagem.

2 JARDIM

Sente-se num dos bancos do jardim e o observe por um tempo. Este era um espaço de convivência para migrantes nos momentos em que não estavam à procura de trabalho ou resolvendo questões burocráticas. Você conhece ou lembra de algum jardim? Ele faz parte de alguma construção? Um espaço ajardinado possui alguma função? Na cidade de São Paulo há diversas construções com jardins próprios e estes seguem o estilo dos edifícios, complementando a paisagem e a narrativa arquitetônica. O projeto arquitetônico da Hospedaria tem caráter monumental e faz referência ao estilo eclético. Esse estilo está presente também nas residências da elite paulista contemporâneas a ele, como alguns casarões nos Campos Elíseos. Posteriormente, ele passou a integrar a paisagem urbana da cidade.

3 EDIFÍCIO

No final do século XIX e início do XX, as construções em alvenaria foram símbolo predominante da transformação da cidade de São Paulo em uma metrópole que abandona, após trezentos anos, seus aspectos coloniais. A maquete mostra como era o edifício da Hospedaria até a década de 1930, com tijolos aparentes, varandas vazadas e estrutura de madeira. A configuração atual da fachada possui elementos de linguagem clássica que conferem ao edifício um aspecto de erudição, principalmente em seus elementos decorativos (arcos, molduras das janelas, frisos etc.). Repare ao longo da visita que algumas partes do edifício estão sem revestimento: são *janelas do tempo* que nos trazem a memória de etapas do desenvolvimento da construção da Hospedaria.

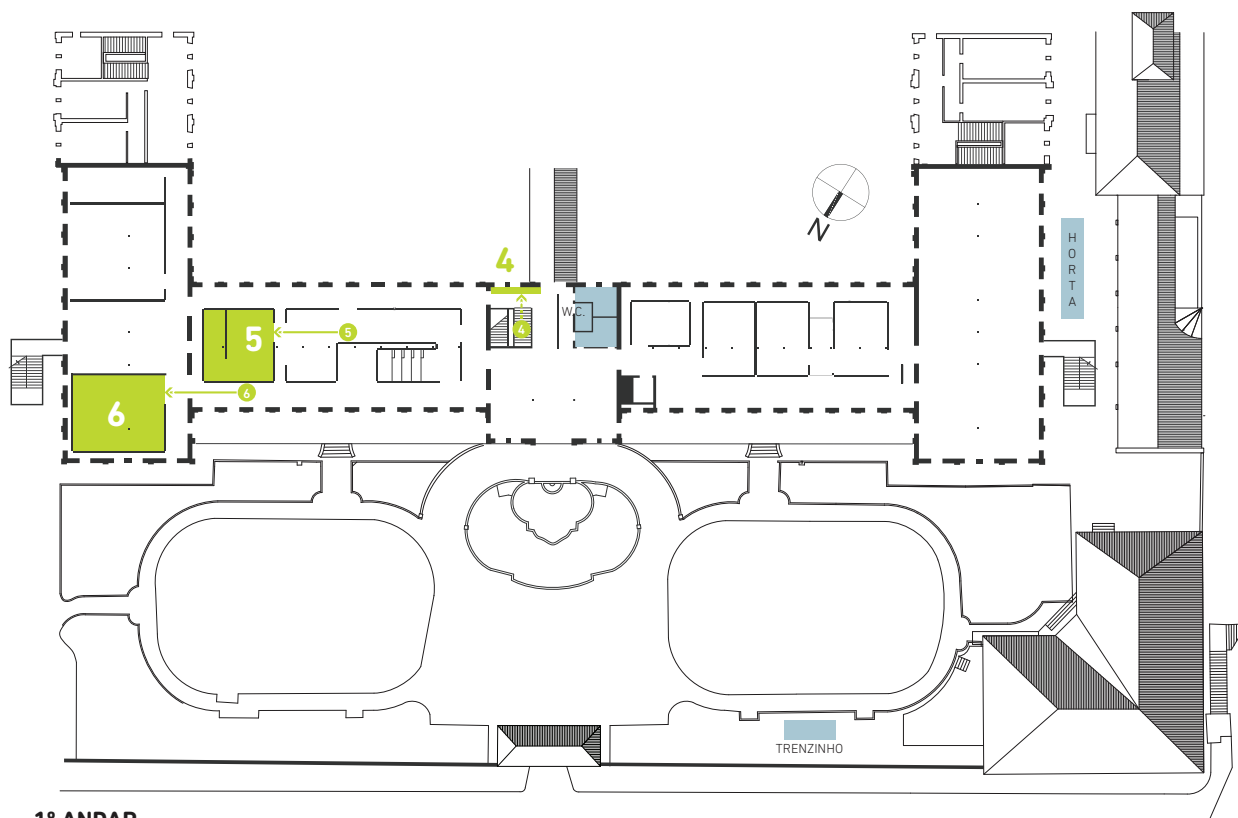
Para ver o próximo item do roteiro, confira a próxima página deste material.

4 OLHAR A CIDADE

Antes de entrar na exposição, propomos que você olhe a cidade pelas janelas. De um lado, por uma brecha, conseguimos ver parte do centro de São Paulo. Do outro, temos um olhar mais local, a continuidade do edifício e ao fundo a paisagem do bairro.

Você já parou para pensar porque a Hospedaria foi construída aqui?

A escolha do local da Hospedaria de Imigrantes não foi uma negociação simples. A maioria das hospedarias costumavam ser localizadas próximas ao litoral. A estratégica posição geográfica de São Paulo foi decisiva, por conta da irradiação de linhas férreas rumo ao interior do estado. No entanto, os desafios da época residiam na distância com relação ao centro da cidade e à estação de embarque, além da salubridade, disponibilidade de água corrente, preço da terra e tamanho do terreno.



1º ANDAR

5 SÃO PAULO COSMOPOLITA

São Paulo era uma cidade de casas de taipa e rota de produtos para o litoral até a expansão do ciclo do café para o Oeste paulista, em 1850, e os incentivos federais para a imigração, durante a Primeira República. Casa das Retortas, Palácio das Indústrias, Museu Paulista... A maioria dos prédios presentes nas fotos dessa sala surgem com essa nova ideia de cidade, moderna e histórica, mas não tão antiga quanto os edifícios nos levam a pensar. Você consegue ver alguma lembrança desse passado colonial nas fotografias presentes neste módulo? Ou ainda, você pode identificar o que está por trás dessas grandes construções?

6 BOM RETIRO, MOCCA, SANTO AMARO E BRÁS

Os bairros que você vê nessa sala são espaços constituídos por diferentes grupos migratórios que neles se fixaram ou que compartilham um passado fabril que pode ser visto nas vilas operárias, no formato das ruas e calçamentos e no horizonte de chaminés abandonadas e terrenos baldios transformados em condomínios. Com a exceção de Santo Amaro, todos estão atualmente na condição de bairros centrais, em contraste com o que era considerada "a cidade de fato" no começo do século XX. A cidade foi crescendo e se unindo a essas outras cidades, fruto de pessoas e grupos que marcaram espaços no encontro de culturas e identidades que se expandem. Quais são os registros e fronteiras que existem no seu bairro, como ele cresceu? E quanto às pessoas que moram ali: quem são os personagens que compõem a história do seu lugar?

ROTEIRO TRABALHO

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. **Cotidiano de trabalhadores na República.** São Paulo 1889-1940. São Paulo: Brasiliense, 1989.

DURAN, Sabrina. **Escravos de ontem e de hoje:** nexos entre trabalhadores no canteiro colonial e contemporâneo. Escola da Cidade, 2016. [Disponível em: goo.gl/inEN2b].

FORTES, Alexandre; KORNIS, Mônica Almeida; FONTES, Paulo. **Trabalho e trabalhadores no Brasil.** Rio de Janeiro: Cpdoc, 2006.

NASCIMENTO, Flavia B.; SCIFONI, Simone. Memória e esquecimento. O patrimônio cultural dos trabalhadores paulistas. In: **Anais do VI Colóquio Latino-Americano sobre Recuperação e Preservação do Patrimônio Industrial**, 2012. São Paulo: Centro Universitário Belas Artes, 2012. v.1. p.1-23.

O HOMEM que virou suco. Direção de João Batista de Andrade. São Paulo: Original, 1980. (97 min.), color.

RÉBÉRIOUX, Madeleine. Os lugares da memória operária. In: **O direito à memória.** Departamento de Patrimônio Histórico e Cidadania. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p.47-56.

VIRAMUNDO. Direção de Geraldo Sarno. São Paulo: Caravana Farkas, 1965. (37 min.), P&B.

ROTEIRO MIGRAÇÃO INTERNA

CALMON, Jorge. **As Estradas corriam para o Sul:** Migração Nordestina para São Paulo. Salvador: Egba, 1998.

DIÁRIO DO GRANDE ABC. **A tradição nordestina nas casas do norte da região.** 2015. [Disponível em: <http://bit.ly/2xFTTa0>]

ESTRELA, Ely Souza. **Os sampauleiros:** cotidiano e representações. São Paulo: Humanistas FFLCH/USP: Fapesp: Educ, 2003.

MARTINS, Dora; VANALLI, Sônia. **Migrantes.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 1997. (Repensando a Geografia).

PAIVA, Odair da Cruz. **Caminhos Cruzados:** Migração e construção do Brasil moderno (1930 - 1950). Bauru: Edusc, 2004.

PARISE, Paolo. **Um rosto de Deus:** Cartas de famílias de migrantes. São Paulo: Dirceu Cutti, 2000. (Pastoral - I).

CEM (Centro de Estudos Migratórios). **Nordestinos.** São Paulo: Agen, 1988. (Cadernos de Migração.)

CEM (Centro de Estudos Migratórios). **O peregrinar de um povo sem terra.** São Paulo: Paulinas, 1986. (Migrações no Brasil).

SILVA, André Eduardo Ribeiro da. **Territorialidades e redes da migração maranhense para o trabalho nos canaviais paulistas.** Curitiba: CRV, 2016.

ROTEIRO ALIMENTAÇÃO

BASSANEZI, Maria Silvia Casagrande Beozzo. Crianças a caminho: imigrantes e filhas de imigrantes nas terras paulistas. In: **27º Simpósio Nacional de História ANPUH.** 2013. Natal- RN. [Disponível em: <http://bit.ly/2xFjsbk>]

JUNQUEIRA, Antonio Hélio. **100 anos de feiras livres na cidade de São Paulo.** São Paulo: Via Imprensa Edições de Arte, 2015.

Prefeitura de São Paulo. **Feiras Livres.** [Disponível em: <http://bit.ly/1nWeQXy>]

Prefeitura de São Paulo. **História das Feiras Livres.** [Disponível em: <http://bit.ly/2gsThgk>]

Prefeitura de São Paulo. **Relação de Sacolões Municipais.** [Disponível em: <http://bit.ly/2etqUy5>]

ROTEIRO TERRITÓRIOS NEGROS

ALMON, Pedro. **Festa da boa morte:** subtítulo do livro. 2. ed. Salvador: IPAC, 2011.

ANDRADE, Arlete Fonseca de. **LIBERDADE:** Imagem, Apagamentos E Transformações Na Cidade De São Paulo. **Revista Científica Semana Acadêmica.** Fortaleza, ano 2016, nº. 94, 2016. [Disponível em: <http://bit.ly/2vUk62R>]

DINIZ, Pedro. Imigrantes africanos tomam ruas de SP e revelam diversidade de estilos. **Folha de S. Paulo, São Paulo, 21 fev. 2016, Ilustrada.** [Disponível em: <http://bit.ly/2iRaWTb>]

EIRAS, Natália. Moda afro: no centro de sp ou na internet, a negritude ganha força fashion. **UOL Notícias. 03 nov. 2015, Moda.** [Disponível em: <http://bit.ly/2vAMVGe>]

GUIMARÃES, Laís de Barros Monteiro. **Liberdade.** v. 16. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, 1979. [Disponível em: <http://bit.ly/2xGpV66>]

IDENTIDADE São Paulo. **Penha de França.** 2016. [Disponível em: <http://identidadesp.com.br/penha-de-franca/>]

KOGURUMA, Paulo. A saracura: ritmos sociais e temporalidades da metrópole do café (1890-1920). **Revista brasileira de história,** São Paulo, v.19, n.38, p.111-222, 1999.

OLIVEIRA, Simone Almeida De. **Penha de França: onde o rosário nos une:** Sobrevivências culturais e transformações do ser e do espaço em uma festa religiosa paulistana. São Paulo: Trabalho de conclusão do curso de pósgraduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, 2014.

Portal NippoBrasil. **Crueldade marca início do bairro da Liberdade,** São Paulo, 12-18 nov. 1999, Arquivo Especial. [Disponível em: <http://bit.ly/2wwLTIz>]

SANTOS, Carlos José Ferreira Dos. **Nem tudo era italiano:** São Paulo e pobreza (1890-1915). 3 ed. São Paulo: Anna Blume, 2008. 196 p.

SCHOR, Sílvia Maria; VIEIRA, Maria Antonieta Da Costa. **Principais resultados do perfil socioeconômico da população de moradores de rua da área central da cidade de São Paulo,** 2010. [Disponível em: <http://bit.ly/2iS4BHi>]

TAVARES, T. R. Ritual de Passagem: a morte no catolicismo. In: **VI Congresso Internacional em Ciências da Religião,** 2012, Goiânia. RELIGIÃO, TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS E GLOBALIZAÇÃO. Goiânia: Ed. PUC Goiás/ América, 2012. p. 95-100. [Disponível em: <http://bit.ly/2wtGjbv>]

ROTEIRO HOSPEDARIA DO BRÁS

Exposição "Hospedaria 130". Museu da Imigração do Estado de São Paulo, São Paulo, ago. 2017-jan. 2017.

Roteiro Arquitetura e cidade

ROTEIRO ARQUITETURA E CIDADE

FABRIS, Annateresa (org.). **Ecletismo na Arquitetura Brasileira.** São Paulo: Nobel, 1987.

ANDRADE, Margarida Maria de. BRÁS, MOÓCA E BELENZINHO- "bairros italianos" na São Paulo além Tamanduatéi. In: **Seminário Indagações sobre a presença italiana no Estado de São Paulo,** Geografia FFLCH-USP, out. 1991.

EMÍDIO, Teresa. **Meio ambiente & paisagem.** Coordenação de José de Ávila A. Coimbra. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006. (Série Meio Ambiente, 7.)

LEMOS, Carlos. **Alvenaria Burguesa:** breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café. São Paulo: Nobel, 1989.

REIS, Nestor Goulart. **Dois séculos de projetos no Estado de São Paulo:** grandes obras e urbanização, v. 1: 1800-1889. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial, 2010.

_____. **Dois séculos de projetos no Estado de São Paulo:** grandes obras e urbanização, v. 2: 1889-1930. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial, 2010.

TERRA, Carlos. **Paisagens construídas:** jardins, praças e parques do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.

ROTEIRO CRIANÇAS QUE MIGRAM

BASSANEZI, Maria Silvia Casagrande Beozzo. Crianças a caminho: imigrantes e filhas de imigrantes nas terras paulistas. In: **27º Simpósio Nacional de História ANPUH.** 2013. Natal- RN. [Disponível em: <http://bit.ly/2xFTTa0>]

Governo do Estado de São Paulo. **Mais de 8 mil estudantes matriculados na rede de ensino paulista são estrangeiros.** 2015. [Disponível em: <http://bit.ly/1xY3pmD>]

MARCÍLIO, Maria Luiza. A lenta construção dos direitos da criança brasileira: século XX. **Revista USP,** São Paulo, v.37, p.46-57, mar. 1998.

NASCIMENTO, Cláudia Terra do; BRANCHER, Vantoir Roberto; OLIVEIRA, Valeska Fortes de. A construção social do conceito de infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas. **Contexto e Educação,** Ijuí, n.79, p.47-63, jan. 2008.

PEREIRA, José Carlos de Medeiros. **Memórias de uma filha de imigrantes portugueses.** Ribeirão Preto: Villimpress, 1999.

Exposição "A criança e o brinquedo no acervo do Museu da Imigração". Museu da Imigração do Estado de São Paulo, São Paulo, out. 2014-fev. 2015.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

GERALDO ALCKMIN
Governador do Estado

JOSÉ LUIZ PENNA
Secretário de Estado da Cultura

ROMILDO CAMPELLO
Secretário-adjunto de Estado da Cultura

Regina Célia Pousa Ponte
Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico

INSTITUTO DE PRESERVAÇÃO E DIFUSÃO DA HISTÓRIA DO CAFÉ E DA IMIGRAÇÃO

Roberto Penteado de Camargo Ticoulat
Presidente do Conselho de Administração

Carlos Henrique Jorge Brando
Vice-presidente do Conselho de Administração

Guilherme Braga Abreu Pires Neto
Sérgio Ferreira Silva Carvalhaes
Comitê Executivo

Alessandra Almeida
Diretora Executiva

Thiago Santos
Diretor Administrativo

Caroline Nóbrega
Gerente de Comunicação e Desenvolvimento Institucional

Mariana Esteves Martins
Coordenadora Técnica do Museu da Imigração

Claudia Marinelli
Coordenadora Administrativa

MUSEU DA IMIGRAÇÃO

ADMINISTRATIVO

Administração
Jamile Arakaki
Lucinea Gomes do Nascimento
Marisa dos Santos
Melise Pereira Lopes da Silva
Natalia Alves de Oliveira
Priscila da Silva Vitor Dias
Valdiane Pereira de Melo

Infraestrutura
César Pimenta
Trajano Rodrigues
Adriano Aparecido de Jesus do Carmo
Bruno dos Santos Callender
Grimaldo Madeira da Silva
Glecia dos Santos Ferreira
Janifer Martinelli da Silva
Maria Aparecida dos Santos
Maria Conceição da Silva
Maria José Ferreira de Souza
Maria Sandra Soares Batista
Railde Maria Lima
Rogério Vagner da Silva
Veronica Simão da Silva

Recepção e bilheteria
Débora Castequini Lemes
Drielly Gloria
Jenifer Bene Lu
Joselma Guilherme Silva
Mariane Nunes
Simone Monteiro de Brito

Tecnologia da informação
Alexandre Jorge Cardoso
Rafael da Silva e Souza

COMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL

Gabriel Romio
Nayara Santana da Silva
Thâmara Malfatti

TÉCNICA

Comunicação Museológica
Juliana Silveira
Vivian Bortolotti

Educativo
Isabela Maia
Aline Oliveira
Ana Menezes
Bruna Marques
Conrado Secassi
Felipe Pontoni
Guilherme Ramalho
Juliana Barros
Luiz Gregório G. de Camargo
Mariana Kimie Nito
Raquel Freitas

Pesquisa
Tatiana Chang Waldman
Angélica Beghini
Henrique Trindade Abreu
Izabelle Pereira da Silva
Mariana de Oliveira Keller

Preservação
Ana Beatriz Giacomini
Letícia Sá
Luciane Santesso
Taís Bushatsky Mathias
Lívia Alli

EXPOSIÇÃO HOSPEDARIA 130

Curadoria
Mariana Esteves Martins

Pesquisa e texto
Angélica Beghini
Henrique Trindade Abreu
Mariana de Oliveira Keller
Mariana Esteves Martins
Tatiana Chang Waldman

Revisão de texto
Angélica Beghini

Expografia
Juliana Silveira
Vivian Bortolotti

Comunicação visual
Studio Meios

Cenotécnica e impressão
Eprom

Material educativo
Isabela Maia
Aline Oliveira
Ana Menezes
Bruna Marques
Conrado Secassi
Guilherme Ramalho
Juliana Barros
Luiz Gregório G. de Camargo
Mariana Kimie Nito
Raquel Freitas

Agradecimentos

Às instituições que cederam gentilmente imagens de seus acervos para compor a exposição:

Arquivo Municipal de São Paulo

Arquivo Público do Estado de São Paulo

Hemeroteca Digital / BNDigital –
Fundação Biblioteca Nacional

Museu da Cidade de São Paulo - Casa da Imagem.

Às equipes de Administração,
Comunicação e Desenvolvimento
Institucional, Infraestrutura e Técnica do
Museu da Imigração.